



13 maio 2018 | ano 44 | páscoa 7 | 2062

uma fenda que se mantém aberta para o sonho



maio
1968

O Maio de 68 foi "um êxtase da História", disse o filósofo Edgar Morin (foto)



O filósofo EDGAR MORIN, num dos primeiros ensaios sobre o Maio de 68, considerou o movimento "uma fenda" aberta na sociedade, pela geração do pós-guerra, por rejeitar padrões anteriores, "uma fenda" que, como disse recentemente, "não fechou".

No ensaio "*La Brèche*", publicado em plena crise de 1968, pela Fayard, o filósofo e sociólogo, autor de "*Pensamento Complexo*", aproximava o levantamento estudantil ao espírito da Revolução Francesa, estabelecendo um paralelo entre a ocupação da Sorbonne e a Tomada da Bastilha, em 1789, pela reclamação de uma nova sociedade, abrindo uma fenda no tecido social, por onde emergiam sonhos, um sentido poético do quotidiano, novas expectativas e novos valores.

A "'Sorbonne-Bastilha' ensaiou um '89' juvenil", escreveu Morin em 1968, em "*La Brèche*", acrescentando que o apelo dos estudantes encontrou eco nos trabalhadores mais jovens, ainda não acostumados à "pequena vida" burguesa.

A comuna estudantil é quase uma revolução, por ter arriscado, de uma só vez, todas as revoluções sonhadas, e desafiado a ordem estabelecida

Foi "um êxtase da História", disse ao jornal *Le Monde*, ainda durante o mês de maio, quando as barricadas se levantavam nas ruas francesas, e cerca de 30% da população ativa, segundo as estatísticas oficiais, tinha então menos de 30 anos.

"A comuna estudantil é quase uma revolução, por ter arriscado, de uma só vez, todas as revoluções sonhadas, e desafiado a ordem estabelecida", escreveu no vespertino francês, a 21 de maio de 1968. "Ela é rica, louca, genial como uma revolução. E, como uma revolução, é uma explosão utópica e, no entanto, bem enraizada no lugar e no tempo".

"Ainda não sabemos se se tornará num idílio ou numa tragédia, se será acarinhada ou acabará em sangue, mas, para todos os efeitos, **trouxe já algo de novo, que ainda não tomou forma**", mas que tem origem num movimento "de profundidade da juventude", lê-se no texto retomado este ano pelo *Le Monde*.

A novidade do movimento, afirmou Morin meio século mais tarde, numa entrevista ao *Nouvel Observateur* no passado mês de março, estava exatamente numa "nova classe" que se afirmara durante a década anterior -- "a classe da idade adolescente" -, que, um pouco por todo o mundo, da Europa à América Latina e aos Estados Unidos, rejeitava "a autoridade do mundo adulto".

levantamento estudantil definiu "um modelo para a contestação", defendeu Morin

Em França, porém, "a luta de classes etárias desencadeou uma luta de classes sociais", não se confinando ao 'campus' universitário, escreveu, em "*La Brèche*", o então professor de Nanterre, antigo resistente à ocupação nazi em França.

O levantamento estudantil definiu "um modelo para a contestação", defendeu Morin nessas "primeiras reflexões". A ocupação da Sorbonne mimetizou um ato operário, a ocupação da fábrica. "A autoridade da Universidade", a instituição vista como "o bastião" da sociedade burguesa, foi dessacralizada.

Da contestação da reforma universitária, o movimento passou à reivindicação de "uma universidade aberta", que também exprimia uma nova ideia de sociedade, "libertada da exploração" económica e financeira, e das "raízes do poder".

Para Morin, o momento-chave ocorreu em 22 de março de 1968, quando foi ocupado o edifício da direção da antiga Faculdade de Letras de Nanterre, depois da detenção de quatro alunos, que se manifestavam contra a guerra do Vietname. Na altura, Morin tinha 47 anos e substituiu o filósofo Henri Lefebvre.

A "explosão" de Nanterre "é simbolizada por Daniel Cohn-Bendit, uma figura ao mesmo tempo 'meta-anarquista' e 'meta-marxista'", recordou Morin em 1978, numa referência ao fundador do Movimento 22 de Março. Havia outros "grupos [políticos], muito mais estruturados". "Mas é preciso não esquecer que Maio de 68 tem outra dimensão, infra ou supra política, que escapa às categorias das análises clássicas", afirmou então ao jornalista Gilles Lapouge.

Em 2008, no alvor da crise financeira, numa entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, Morin garantiu que "o mal-estar" na origem do Maio de 68, não só permanecia, "como se agravou"

"O Maio de 68 é uma peça em dois atos. O primeiro tem início nos confins de um subúrbio parisiense, onde uma faculdade, a de Nanterre, se 'incendeia' em protestos, que se espalham "a Paris, à Sorbonne, a Saint Germain des Prés, à juventude operária". Segue-se a adesão da "nova 'intelligentsia' dos rádios e dos jornais", do pós-guerra. "Em seguida, são os sindicatos e, finalmente, todo o país entra subitamente num estado de paralisação", lê-se no livro "*Maio de 68 -- Encontros*", que recolhe a entrevista a Lapouge.

O segundo ato "começa em junho", com a dissolução da Assembleia Nacional e a realização das "eleições que asseguram o triunfo da direita", com maioria absoluta. Tudo regressou então a uma aparente normalidade.

A "fenda" aberta, porém, era irreparável, disse Morin a Lapouge. Maio de 68 "mostrou que, onde havia abundância de bens de consumo", "não havia bem-estar moral", "havia infelicidade".

Em 2008, no alvor da crise financeira, numa entrevista ao jornal *Folha de São Paulo*, Morin garantiu que "o mal-estar" na origem do Maio de 68, não só permanecia, "como se agravou".

"O que piorou mesmo foi o facto de termos perdido a fé no progresso", disse então Morin, nos 40 anos do movimento. O sentimento de precariedade é dominante, "tão pouco há esperança, vinda da esfera política", preocupada apenas com o crescimento económico.

Morin, porém, mantém a esperança, porque "a fenda nunca chegou a fechar-se"

O retrato é mantido na entrevista de março passado ao número especial do *Nouvel Observateur* sobre o Maio de 68. "Ao longo do último meio século as conquistas do individualismo contribuíram efetivamente para degradar" a solidariedade social, deixando as pessoas "cada vez mais isoladas", numa sociedade globalizada, disse o defensor de um "pensamento complexo", para a complexidade do real.

Morin, porém, mantém a esperança, porque "a fenda nunca chegou a fechar-se". E dá exemplo de novas formas que, de algum modo, recuperam aspirações do movimento estudantil: "As associações anticorrupção, as que reclamam a taxação das transações financeiras", iniciativas sociais, ambientais, "uma efervescência" que passa ao lado de "governos e partidos".

Falar hoje do Maio de 68, disse o autor de "*O Paradigma Perdido*", é falar "dessa aspiração tão profunda da humanidade, que os adultos esquecem, por conformismo" -- "a aspiração a viver poeticamente", no "fervor, na intensidade, na comunhão" - e que, como acredita, "há de voltar a exprimir-se de um novo modo".

Pedro Correia

Diário de Notícias / Lusa, 3 de maio de 2018

a terceira geração do M68

O Maio de 1968 (M68), iniciado precisamente há 50 anos nas ruas de Paris, é um daqueles acontecimentos que se prestam às mais bizarras e labirínticas interpretações. Quando se procura falar sobre esse mês que começou com ocupações de escolas e escaramuças estudantis, para se alargar a uma greve geral envolvendo dez milhões de trabalhadores, terminando tão subitamente como havia começado, corremos o risco da deriva

frívola. A única coisa segura que posso destacar no M68 é a vitalidade e a intensidade energética desses acontecimentos: os atores que nas ruas enfrentavam a polícia pertenciam à terceira geração europeia nascida no século XX, a primeira cuja generosidade pulsional não foi imolada como carne para canhão. Os avós dos colegas de Cohn-Bendit devoraram-se na lama das trincheiras, enquanto os seus pais se arriscaram pelos campos de batalha e extermínio da II Guerra Mundial. O M68 não foi uma revolução, nem no sentido conservador de Edmund Burke de regresso a uma ordem anterior (como ele considerava a revolução inglesa de 1688), nem como o "assalto ao céu" leninista, em que uma vanguarda organizada arrebatava pela violência o aparelho de Estado. Duas décadas de prosperidade económica ininterrupta, desde 1947, garantida por um capitalismo keynesiano que colocava o turbulento capital financeiro sob uma vigilância severa, tinham permitido romper com as sociedades da "mobilização total" (na escola, na fábrica, na caserna) da Europa da segunda guerra de trinta anos (1914-1945). O M68 não foi uma revolução, mas sim a explosão de uma nova categoria chegada aos palcos da história: um Eu pulsional, onírico, integrando não uma elite, também ela lapidada na disciplina da tradição, mas uma multidão juvenil, plural sem deus, nem chefe, nem ideologia, nem Palácio de Inverno para conquistar. Havia mais leitura de Wilhelm Reich, de Herbert Marcuse, dos "situacionistas", como Guy Debord, do que dos clássicos da insurreição. Esse Eu jovem não tinha programa, mas sim múltiplas faces: era erótico, libidinoso até, completamente focado na descoberta hedonista do corpo como fonte inesgotável de experiências, desde a sexualidade sem restrições aos estupefacientes, considerados como veículos de "expansão da consciência"...

A direita gaullista tremeu. Pensou que era de novo o perigo comunista. Damos sempre ao medo o nome do que conhecemos. O PCF abominou o M68, e assim que lhe foi possível devolveu os grevistas às linhas de produção. Em Praga, eram os velhos estalinistas que a juventude contestava, antes de os tanques de Brejnev a esmagarem em agosto. É verdade que a Revolução Cultural chinesa, iniciada em 1966, aparecia referida nos cartazes e nas palavras soltas. Mas foi claramente um exemplo do lost in translation. Nada unia os jovens de Paris a um dos maiores monstros universais, Mao Tsé-tung, que se escudou atrás da imberbe Guarda Vermelha para se manter à frente de um partido que ousara criticá-lo por ter condenado a morrer à fome mais de 40 milhões de camponeses na loucura do Grande Salto em Frente (1958-1961).

O M68 marcou também o declínio do fascínio das narrativas marxistas, e nessa medida ajudou a iniciar a transição para a normalizada "condição pós-moderna" que Jean-François Lyotard descreveu em 1979. Além da memória de quem o viveu, talvez o mais visível sobrevivente do Maio de 1968 seja o estilo irreverente que a publicidade jamais perdeu. O fantasma de 68 agita-se na incansável tarefa do marketing: acorrentar a liberdade do sujeito hedonista nos trabalhos de Sísifo do consumismo.

Viriato Soromenho Marques. Professor universitário português.
Diário de Notícias, 02/05/18

"Il est interdit d'interdire" - Maio maduro maio, quem te pintou



Das universidades para as ruas, das ruas para as fábricas. Maio de 68 é o momento em que os jovens põem tudo em causa, nas ocupações, nas barricadas e nas greves. E é um toque de despertar para a contemporaneidade de uma França que parecia cristalizada. Confluência de reivindicações e ideologias, é um sonho para quem o vive e um pesadelo para quem o combate. Cinquenta anos depois, recordamos alguns dos protagonistas, entre estudantes, políticos, artistas e intelectuais

MARGUERITE DURAS "*Il est interdit d'interdire*" ("É proibido proibir") ou "Não sabemos para onde vamos, mas isso não é motivo para não irmos" são duas frases que ficaram na iconografia do Maio de 68 e que são atribuídas à romancista. Duras tem 54 anos mas vive aquele mês com a fogueira de uma adolescente, nas barricadas, nas reuniões em que incita os contestatários à rebelião, nos textos inflamatórios, nos apelos ao boicote à ORTF (a estação pública de rádio e TV).

FRANÇOIS TRUFFAUT Nos meses que antecederam a revolta os sinais de descontentamento social multiplicaram-se. O realizador teve um papel central na luta pela manutenção da Cinemateca francesa nas mãos do fundador, Henri Langlois. O ministro das Finanças quis pôr ordem na gestão "anárquica" da Cinemateca, passando o Estado a acionista principal. O ministro da Cultura, o escritor André Malraux, colabora na nacionalização da casa do cinema (que preservou inúmeros filmes da destruição) e no afastamento de Langlois. Dia 14 de fevereiro, umas três mil pessoas manifestam-se e são reprimidas pela polícia. No dia seguinte é criado o comité de defesa da Cinemateca, que junta os cineastas da *Nouvelle Vague* aos mais velhos. Jean Rouch declara: "Uma revolução cultural está em vias de começar." Dia 18 de março, nova manifestação. Desta vez os estudantes invadem os escritórios da Cinemateca. Um mês depois, o governo recua em toda a linha. Na reabertura das salas de cinema, 2 de maio, véspera da revolta, Langlois agradece a Truffaut, "o homem que salvou a Cinemateca". O autor de *Jules e Jim* fica na vice-presidência da casa do cinema.



DANIEL COHN-BENDIT O estudante de Sociologia em Nanterre é um dos contestatários de primeira hora. Em janeiro, quando o ministro da Juventude e do Desporto vai inaugurar a piscina do campus universitário, é confrontado com *Dany Le Rouge*. Este acusa François Missoffe de escrever "600 páginas de inépcia" no livro branco da juventude, e dá como exemplo ter ignorado a sexualidade. Uma das

reivindicações dos estudantes era a criação de residências universitárias mistas. O ministro aconselha-o a dar um mergulho na piscina. No mês seguinte vai a Berlim participar num encontro internacional de estudantes a favor do Vietname. Também por causa da guerra naquele país asiático, participa na primeira ocupação, por horas, do Quartier Latin, quando regressa. No dia 22 de março nasce o movimento com o nome dessa data: 142 estudantes, liderados pelo franco-alemão, ocupam o último piso da universidade. Protestam contra a guerra e contra a prisão de um colega. O estado de revolta prossegue. Com a polícia a fechar Nanterre, Cohn-Bendit e companheiros dirigem-se para a Sorbonne, no dia 3 de maio. A universidade, ocupada por cerca de 400 estudantes, é alvo de intervenção policial. É o eclodir do Maio de 68.

LÍDERES DA JUVENTUDE Se Cohn-Bendit, aos 23 anos, é o líder dos estudantes anarquistas e libertários, Alain Krivine (27 anos) é o comandante dos jovens trotskistas, Alain Geismar (28) chefia o sindicato de professores e Jacques Sauvageot (25) lidera a associação dos estudantes. Cohn-Bendit acaba expulso do país (embora regressa dias depois). Em junho, são proibidas 11 organizações de extrema-esquerda, de maoístas, trotskistas e demais esquerdistas expulsos do PCF. Krivine e Geismar foram presos.

GUY DEBORD As centenas de cartazes e frases poéticas que inundaram o espaço público parisiense em parte devem a inspiração a Debord e seus companheiros situacionistas. Em 1952 funda a Internacional Letrista, movimento artístico de vanguarda que desemboca, cinco anos depois, na Internacional Situacionista, movimento revolucionário e artístico. Marxistas anti leninistas e anti estalinistas, também anti burgueses, estão na hora zero da revolta de 68: a edição do panfleto *de la misère en milieu étudiant*, em 1966, causou escândalo e ondas de choque. No ano seguinte Debord publica *A sociedade do Espetáculo*, uma crítica à sociedade de consumo. A frase "*Ne travaillez jamais*" ("Nunca trabalhe"), de Debord, foi uma das primeiras a aparecer nas paredes de Nanterre.

JEAN-PAUL SARTRE O filósofo existencialista libertara-se do comunismo há uma dúzia de anos, mas mantinha o fervor do compromisso com a política (apoiou a independência da Argélia e a revolução cubana, por exemplo). Aos 63 anos, vai falar aos estudantes na Sorbonne, aos operários nas fábricas em greve e entrevista Cohn-Bendit para o *Le Nouvel Observateur*.

LOUIS ALTHUSSER Noutro campo do pensamento, o estruturalismo, o professor da École Normale Supérieure introduziu o estudo de Marx na universidade em 1965, tendo influenciado muitos estudantes.

CHARLES DE GAULLE Estava no poder há dez anos, os mesmos da V República. O herói da libertação de França era a figura de proa de um regime onde coexistia a censura, a governação por decreto, um conservadorismo com tons de autoritarismo e uma organização pró-colonialista, OAS, a aterrorizar a população (e que atentou contra De Gaulle). A abertura dá-se com eleições presidenciais em 1965, ou com o direito das mulheres a abrir contas bancárias, mas ainda havia muito caminho a percorrer. Às greves gerais que mobilizaram sete a oito milhões de

franceses responde com negociações e aumentos salariais, e à crise social com eleições antecipadas, que vence.

MAURICE GRIMAUD Revolta contra todos os poderes estabelecidos - e contra a polícia, a primeira linha de defesa da ordem e da autoridade. Já em abril, uma manifestação junto à embaixada da Alemanha, contra o atentado que sofreu o líder estudantil Rudi Dutschke em Berlim, degenerou numa chuva de garrafas contra a polícia. O comandante da polícia de Paris, Maurice Grimaud, nada tem que ver com o antecessor, Maurice Papon, que reprimiu de forma selvática as manifestações pela independência da Argélia em 1961 e 1962 em Paris (mais de cem mortos). "É absolutamente normal que os estudantes se manifestem. Errado é haver violência", dizia na época em que os estudantes ergueram barricadas.

MONIQUE WITTIG Escritora e revisora nas Editions de Minuit, adere às barricadas, mas cedo conclui que os homens não estão interessados em partilhar o poder. No ano seguinte publica o manual feminista *As Guerrilheiras*. Funda o Movimento de Libertação da Mulher, com Antoinette Fouque, e em 1970 lidera uma ação de protesto no Arco do Triunfo que a leva à prisão: "Mais desconhecida do que o soldado desconhecido, a sua mulher."

JEAN-LUC GODARD Aos 37 anos, o cineasta franco-suíço envolve-se (e depois casa-se) com a atriz Anne Wiazemsky. É através dela, estudante em Nanterre, que se envolve no meio universitário. Em 1967 realiza dois filmes que anunciam o Maio de 68, *La Chinoise* (sobre um grupo de estudantes maoistas) e *Week-End*, uma paródia sobre o rapto de um casal burguês por uma organização revolucionária-canibal. No Maio de 68 vai para as ruas participar e filmar. Com outros colegas de profissão exige a suspensão do Festival de Cannes, em solidariedade para com os estudantes.



CAROLINE DE BENDERN No dia 13 de maio, a convite de amigos, a manequim de 23 anos participa na sua primeira manifestação. Cansada, salta para as cavalitas do amigo, o pintor Jacques Lebel. Este estende-lhe a bandeira da Frente Nacional para a Libertação do Vietname (que lutava contra os Estados Unidos). "Percebi que estava rodeada de fotógrafos. O instinto de manequim despertou e comecei a entrar no jogo." A foto de Jean-Pierre Rey acabaria por ser publicada um pouco por todo o mundo. A inglesa ficou conhecida como a *La Marianne de Mai 68*, em referência à efígie da República. Mas pagou um preço: foi deserdada pelo pai, o conde de Bendern, e não recebeu sete milhões de libras.

César Avó

Diário de Notícias, 1 de maio de 2018